

## *Nota de Redacção*

Este ano é o 600.º aniversário da viagem inaugural do grande navegador chinês Zheng He que mostrou “o poderio militar em terras exóticas, em sinal da riqueza da China”. Um pouco por todo mundo, está a celebrar-se este acontecimento por diferentes formas. Macau sendo o resultado da primeira globalização mundial, não deve ficar alheia a este evento. Algumas instituições locais estão a preparar um seminário internacional sobre o tema. Neste número, inserimos um artigo a respeito para informação dos nossos leitores.

Correu muita tinta sobre os possíveis motivos e os processos das sete viagens marítimas de Zheng He, assim como sobre a sua posição na história dos intercâmbios entre a China e o resto do mundo, e o seu contributo para a civilização da Humanidade. O que menos tem sido referido são os impactos deixados pelas sem precedentes viagens de Zheng He, em relação ao desenvolvimento social da China e as marcas deixadas aos vindouros. No início das viagens marítimas de Zheng He, a Dinastia Ming estava no auge do seu poderio nacional. Chegando ao fim das viagens marítimas chinesas, a mesma dinastia já deixava transparecer uma decadência tendencial. O que mais pena nos dá é o facto de que durante os 28 anos das viagens marítimas chinesas e no século a seguir, em que vieram os ocidentais ao Oriente, a China Ming bem podia ter continuado com as suas viagens, a renovar as ciências e a aperfeiçoar a sua administração, até podia ter sido a inventora da máquina a vapor e do porta-aviões, ou a reflectir e ajustar a estratégia do desenvolvimento nacional para manter uma prosperidade duradoura. No entanto, as dúvidas surgidas dentro da Corte e fora dela sobre as façanhas de Zheng He puseram fim às viagens, sem discussão com profundidade, racionalidade e construtividade, sobre a estratégia de desenvolvimento a longo prazo da nação chinesa, deixando assim fugir uma oportunidade de desenvolvimento em que se operaria a transformação económica e social da China. Uma oportunidade que sem revelar ser muito rara para enfrentar positivamente os desafios do seu tempo, pelo contrário, revelou uma política simplista de encerramento e uma sociedade de economia natural, tornando assim as façanhas das viagens marítimas chinesas, chefiadas por Zheng He, no último espectáculo da grande empresa das viagens marítimas da China antiga, fazendo com que a China Ming tivesse perdido uma oportunidade de

concorrência com o resto mundo, a partir da mesma linha de partida. Isto marcou o início das humilhações modernas da China.

A história, infelizmente, não pode ter “se”, no entanto, podem ser tiradas lições históricas, com profundos significados reais. Quando uma sociedade se desenvolve tão aceleradamente, até a um ponto de viragem histórica, devemos manter a mente lúcida e um certo alerta. De vez em quando, devemos fazer reflexões sobre as orientações estratégicas do desenvolvimento futuro, caso contrário, as raras oportunidades serão tão fugazes como a que a China perdeu com as viagens marítimas de Zheng He. Essa perda enche os vindouros de sentimentalismo, de pessimismo e atormenta os historiadores com lamentos.

Talvez não possamos avaliar, com critérios actuais, a geração de Zheng He, que viveu no início da globalização mundial. Eles deram os primeiros passos da mundialização, o que reputamos muito valioso. No entanto, nós que vivemos numa época informatizada de globalização, não temos desculpa para nos restringirmos a marcar passo. Devemos acompanhar as correntes do tempo e participar na concorrência internacional. No mundo de hoje, um país ou um território, para manter o desenvolvimento sustentável e saudável, deve rasgar o seu olhar para o mundo. Nos momentos de vida despreocupada, deve-se pensar nos perigos iminentes e esforçar-se sem parar. Isto é, as condições necessárias, também são verdades eternas. Esta frase para ser dita é muito fácil, mas para pô-la em prática já não é a mesma coisa. Isto requer que nós mudemos a mentalidade, renovemos os conceitos e levemos a cabo acções concretas, a começar por “eu próprio”. Sem embargo, as tradições estão bem enraizadas. A mudança da mentalidade e o modelo de comportamento, é, em certo sentido, negar parcialmente a nós próprios e é portanto um processo assaz doloroso. Por isso, a não ser no último caso, sem mais saídas, as pessoas não costumam mudar-se a si mesmas, muito menos, sacrificam os interesses actuais a favor dos a longo prazo. A História diz-nos que a transformação social tem, muitas vezes, sido concretizada em situações sem saídas e com custos bem pesados.

Macau, após 5 anos de “Consolidação de bases e de um desenvolvimento firme”, desde a sua reintegração na Mãe-Pátria, está a entrar numa era de desenvolvimento completamente nova. A liberalização dos jogos que coincidiu com a retoma da economia mundial e o rápido desenvolvimento económico do Continente da China, assim como a política de

“visto individual” no turismo, definida pelo Governo Central, deram lugar à entrada de grande quantidade de capitais estrangeiros e de turistas, o que fez com que uma economia de pequena escala, como a de Macau, tenha crescido exponencialmente, e trazido à fisionomia urbana de Macau grandes alterações, levando-a para uma era de rápido desenvolvimento e a uma transformação, em todos os sentidos, numa cidade internacionalizada. Por outras palavras, Macau está a avançar a passos largos para a sua modernização, a experimentar uma grande viragem social. Trata-se de uma oportunidade muito rara, ao mesmo tempo, cheia de desafios. A porta que está aberta não voltará a ser fechada. Os passos de desenvolvimento já dados nunca poderiam ser recuados. Aliás, a bem característica tipologia económica de Macau, que se baseia no turismo e nos jogos, está a enfrentar concorrências frontais dos territórios vizinhos. Caso não nos aproveitemos desta situação para realizar acções de grande dimensão para manter as vantagens, poderemos perder definitivamente o ensejo. Não temos para onde recuar, nem devemos fazer nenhuma cedência. O único caminho a seguir é em frente.

No entanto, devemos ter a plena consciência de que a velocidade do desenvolvimento actual é, de facto, surpreendentemente acelerada, muito para além do que pensa a maioria das pessoas. Macau não está devidamente preparada seja desde a psicologia civil, seja pela estrutura social e pelas infra-estruturas. Macau, tendo sido considerada como uma sociedade nativa que se caracteriza por tradições, conservadorismo, encerramento e auto-suficiência, não teria tempo suficiente para fazer as suas adaptações e os seus preparativos. Uma vida fechada durante muito tempo condiciona as pessoas a um determinado modelo de pensamento e acomoda a sociedade num determinado modelo de funcionamento. Como passar da tradição para a modernidade, do encerramento para a abertura, do conservadorismo para o progresso, dum modelo de desenvolvimento com impulsões vindas de fora para motivações internas, para tudo isto, é preciso ter um processo de ajuste psicológico e adaptações das capacidades. É preciso que o Governo e os cidadãos conjuguem os seus esforços para fazer frente aos mais diversos impactos vindos das reformas económicas e da abertura da Cidade, a fim de resolver os problemas surgidos para um desenvolvimento mais coordenado e harmónico da economia e da sociedade.

